



# Biograph



---

## INFÂNCIA, NARRATIVAS E DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS: O TEMPO VIVIDO NARRADO PELAS CRIANÇAS

Selma Nascimento Vilas Boas  
Universidade São Francisco  
[s.boas@terra.com.br](mailto:s.boas@terra.com.br)

Adair Mendes Nacarato  
Universidade São Francisco  
[adamn@terra.com.br](mailto:adamn@terra.com.br)

### Introdução

Trabalho<sup>1</sup> na área da Educação há 20 anos. Neste período já tive muitas experiências com crianças pequenas da Educação Infantil, crianças maiores do Ensino Fundamental, tanto da rede pública quanto da rede privada. Depois de tantas vivências, percebi que me identifico muito com as crianças pequenas, então, fiz a opção de me dedicar mais à Educação Infantil.

Depois de cursar quatro cursos de pós-graduação em *lato sensu* decidi-me que iria cursar o Mestrado. Isso ocorreu no ano de 2013, ano este em que eu estava atuando como professora de um grupo de crianças entre quatro e cinco anos e estava incomodada com a formação que a rede municipal a qual eu trabalhava oferecia, pois não eram tratadas as questões do Ensino e Aprendizagem de Matemática e pouco se falava do protagonismo da criança da Educação Infantil. Meu objetivo com o curso do Mestrado era aprender mais, investigar a prática educativa para melhorar a qualidade do meu fazer pedagógico com as crianças.

Inicialmente, cursei duas disciplinas como aluna especial. Uma das disciplinas falava sobre as narrativas. Encantei-me com o tema e comecei a dar mais atenção a tudo

---

<sup>1</sup> O texto está escrito na primeira pessoa do singular, pois no trabalho com narrativas, a autoria precisa ser assumida desde o início da pesquisa. No entanto, essa voz singular é constituída pelas múltiplas vozes que se entrelaçam nesta pesquisa: da orientadora, das crianças, da professora parceira da classe e dos autores com os quais dialogo.

que meus alunos falavam. Nesta escuta atenta, pude perceber o quanto as crianças narram sobre o tempo e o quanto este conceito é tão abstrato para eles. Tais escutas me mobilizaram para o projeto de pesquisa do Mestrado onde a questão a ser investigada foi “Quais significações sobre o tempo podem ser apreendidas em contextos de sala de aula da Educação Infantil, quando as crianças falam e desenham sobre o tema?”.

Para minha surpresa, no final do ano 2013, mas precisamente dia 16 de dezembro, assumi um concurso público de Diretor Educacional, na prefeitura de Campinas. Diante do novo cargo, foi necessário alterar os planos. Inicialmente, a pesquisa seria feita na minha própria sala de aula, mas diante da impossibilidade realizei a pesquisa na sala de aula de uma das professoras da escola na qual atuava como diretora. A faixa etária e o tema não foram alterados uma vez que a pesquisa foi realizada num agrupamento com crianças de quatro e cinco anos e o tema pesquisado foi o tempo, na perspectiva matemática. Na minha vida profissional houve mudanças significativas, mas em relação à pesquisa não foi necessário alterar faixa etária e nem o tema.

O recorte aqui apresentado analisa uma das atividades realizadas que tinha como objetivo propor uma situação para as crianças narrarem sobre o tempo vivido e, também, projetar-se para o futuro. Primeiramente, as crianças produziram desenhos das páginas de um livro intitulado “Meu livro do tempo”, produção essa que foi sendo realizada gradativamente. Os temas dos desenhos que compuseram o livro foram: “quando eu era nenê”, “hoje eu sou assim”, “quando eu crescer quero ser assim” e “quando eu ficar velho quero ser assim”. Com os desenhos prontos, as crianças narraram sobre suas histórias e essas narrativas foram videogravadas. Em seus desenhos e em suas narrativas elas registraram marcas do tempo vivido, suas relações familiares e os conceitos que trazem para a escola, principalmente os marcadores temporais.

A pesquisa, com financiamento CAPES, foi realizada numa sala de aula, com crianças de 4-5 anos, na qual a pesquisadora atuava como diretora. Ela foi realizada em parceria com a professora da turma, no período de agosto a dezembro de 2014. Todas as atividades foram planejadas em parceria com a professora, a qual acompanhou todas as etapas. As aulas foram áudio e videogravadas, as quais foram tomadas como objeto de análise, além dos registros dos alunos, e, em particular, o livro sobre o tempo, o qual será analisado neste texto.

## **Algumas reflexões iniciais**

A criança, desde bebê, está submersa em um mundo do qual o conceito de tempo é parte integrante. A criança participa de várias situações que envolvem o conceito de tempo e expressam-nas de acordo com a sua compreensão. Seguem alguns discursos das crianças ocorridos no cotidiano escolar: “já está chegando a hora da merenda”, “não deu tempo para terminar de pintar o desenho”, “o tempo de brincar vai ser muito?”, “amanhã não tem aula?”, “o que é feriado prolongado”, “Professora minha mãe perdeu o tempo e não amarrou o meu cabelo”, “Quando eu chegar em casa e ainda tiver sol eu vou falar para minha mãe olhar a agenda”, entre muitas outras narrativas. Em meio a estas situações cotidianas a criança vai criando vocabulário, definições e curiosidades, na maioria das vezes não convencionais, sobre o conceito de tempo cronológico e histórico. Esta vivência inicial, as possibilidades da escuta atenta às narrativas das crianças somadas às intervenções pedagógicas favorecem a construção da aprendizagem sobre o conceito de tempo. O trabalho realizado pelo professor nesta faixa etária pode favorecer positivamente a organização das informações, o desenvolvimento de estratégias, bem como a construção de conhecimentos, neste caso específico, sobre o conceito de tempo numa perspectiva matemática. Tal trabalho possibilita à criança instrumentos para compreender melhor o mundo que a cerca, mundo este repleto de situações que envolvem a questão do tempo.

O trabalho pedagógico com o conceito de tempo na perspectiva da matemática é importante não só para às crianças, mas também para o professor. Para o professor, porque no momento em que ele volta a atenção para observar como a criança constrói este conceito consegue planejar melhor suas intervenções em relação a este tema e, também, em outras situações. Para as crianças, porque conforme o tema TEMPO aparece nas discussões, elas vão tomando consciência do tempo cronológico: meses, ano, dias, semana, antes, depois e, também, do tempo histórico: eu era um bebê, ontem eu realizei algo...amanhã eu vou...

As respostas das crianças a perguntas dos adultos que contenham a questão do tempo são indicadores de busca em construir significados para compreender o mundo. Muitas vezes, ela usa “amanhã” para indicar ontem; “perdeu o tempo” para indicar perdeu a hora; “eu fazi” para indicar eu fiz ontem; qualquer período de férias indica que se deve

mudar o ano. E, também, fazem questões no intuito de entender esta contagem do tempo: “Amanhã é semana que vem?” “Por que tem aula cinco dias?” “Tá chegando o dia do teatro?” (pergunta feita várias vezes ao dia). “Quanto tempo falta para a semana da criança?” “Vai demorar a ir ao parque?”. “O que é dia de semana?”.

À medida que crescem e tem mais experiência com o tema tempo, as crianças conquistam mais autonomia e formulam novas questões, desenvolvem estratégias, criam novas formas de marcar o tempo, discutem com os colegas, questionam o professor, os colegas e os familiares.

Nos processos de escolarização, é imprescindível refutar a ideia do tempo como um dado objetivo e natural a ser instrumentalmente medido; do mesmo modo devem-se abdicar também os empenhos que propõem a promover um ajustamento do indivíduo ao símbolo social, como se nada mais nos fosse possível a não ser a submissão a este tempo. É importante mostrar seu modo regulador, sua qualidade simbólica, sua historicidade, a fim de que ele seja compreendido.

O termo tempo está presente no cotidiano das crianças e elas muitas vezes deparam-se com situações que precisam determinar algum tempo e para isto utilizam-se de vocabulários próprios, expressões encantadoras para comunicar-se. Para auxiliar as crianças nesta aprendizagem várias propostas poderão ser desenvolvidas: observação e leitura de calendários; rodas de conversa sobre as características e regularidades existentes no calendário; escrita diária na lousa do dia, mês e ano; construir com as crianças uma lista dos dias da semana e deixar exposto na sala de aula; construção, diária, de um calendário linear com a ajuda das crianças; registrar no calendário os eventos que acontecerão no mês; registrar as datas de aniversário dos alunos e do professor no calendário; leitura de literatura infantil que traga o tema tempo.

Juntamente a este trabalho é fundamental que o professor esteja atento às narrativas das crianças, porque a narrativa possibilita a valorização do qualitativo da ação educativa e um trabalho docente que seja significativo para os alunos e para o professor.

Diante das narrativas das crianças, fiz algumas leituras sobre o conhecimento teórico relacionado a narrativas infantis e ao conceito de tempo.

### **Meus diálogos teóricos**

Nos estudos de Passeggi (2014) e de Brunner (apud TIZUKO, 2007) podemos constatar que as narrativas, inclusive das crianças, são ricas de conhecimento. Quando nos dispomos a ouvir as narrativas infantis nos surpreendemos com as colocações que as crianças fazem e, por isso, nesta pesquisa as narrativas das crianças será o foco de apreciação.

Admitir que as crianças são capazes de refletir sobre próprias experiências e legitimar sua reflexão como fonte de pesquisa representam pelo menos duas grandes rupturas no campo científico. A primeira concerne à representação tradicional da criança, definida pelo que lhe falta, portanto, sem experiências e cujos testemunhos não são dignos de fé. A segunda decorre da primeira, a validade de sua palavra, como fonte para a pesquisa educacional. (PASSEGGI, 2014, p. 137).

A narrativa promove a tomada de consciência do sujeito. Ao narrar, o sujeito dá sentido as suas experiências e expõem seus pensamentos, suas ideias, suas dúvidas, seus conceitos e seus conhecimentos sobre determinado tema/assunto em questão. As palavras mostram uma forma de construir uma determinada realidade humana ou de humanizar a realidade transformando-a num discurso. Quando as crianças narram mostram como estão construindo a realidade humana que as cercam. Tão rica de conteúdo são as narrativas das crianças que devem ser tomadas como objetos de reflexão, de análise e de pesquisa. Os registros das narrativas tornam-se importantes para que se possa fazer uma interpretação, uma reflexão e uma análise. As crianças, mesmo da Educação Infantil, são produtoras de culturas, interpretam o mundo e o ambiente que vivem e as atividades que realizam por isso, merecem ter espaços para falarem e serem ouvidas.

A criança pequena está num processo de construção do conhecimento do mundo que a cerca e sua interpretação precisa ser ouvida pelos adultos para que possam fazer corretamente suas intervenções. A criança dá sentido ao mundo por meio das mais diferentes linguagens e a narrativa é uma delas. “A narrativa está presente na conversação, no contar e recontar histórias, na expressão gestual e plástica, na brincadeira e nas ações que resultam da integração das várias linguagens, dando sentido ao mundo e tornando essencial sua inclusão no cotidiano infantil.” (TIZUKO; SANTOS; BASÍLIO, 2007, p. 430).

A comunicação com as crianças precisa ser realizada de forma sintonizada, com significado tanto para as crianças como para os adultos.

Bruner enfatiza que a linguagem é moldada de modo a tornar a interação comunicativa mais efetiva, ou seja, sintonizada, com sentido. Ao considerar a existência de um dispositivo de aquisição da linguagem, o autor sugere que a entrada para tal dispositivo deve ser caracterizada por uma relação altamente interativa, moldada por algum tipo de sistema de suporte à aquisição da linguagem de um adulto.” (NUNES; CANEGUIM, 2013, p. 02).

No dia a dia da escola, em muitos momentos ouvimos narrativas sobre o tempo. É a criança tentando comunicar-se com o adulto e, para tanto, utiliza-se de palavras e expressões que ainda não dominam para falar sobre o tempo. Portanto, o trabalho com o conceito de tempo é muito importante na Educação Infantil, porque este tema faz parte do cotidiano das crianças e por auxiliar a estruturação do pensamento delas.

A experiência com o tempo, que ocorre com a passagem dos eventos na vida do homem e das práticas de socialização a que as crianças são expostas desde tenra infância, pressupõe um extenso e difícil processo de estabelecimento de relações com uma cultura já posta e organizada em seus indicativos, a partir de diversos processos de significação de marcadores da experiência humana, entre os quais o calendário é um dos mais complexos.

Ainda, sobre o conceito de tempo, Elias (1998) afirma que ele constitui-se como um dado objetivo do mundo criado e que não se distingue, por seu modo de ser, dos demais objetos da natureza, exceto, justamente, por não ser perceptível. O tempo não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear num respirar como um odor. Assim, como medir uma coisa que não se pode perceber pelos sentidos? Uma hora, por exemplo, é algo invisível.

As crianças inseridas em ambientes onde a discussão sobre o tema tempo é presente e onde elas têm a oportunidade de falar e de serem ouvidas é possível apreender os sentidos sobre o tema que estão sendo mostrados e construídos.

Com relação ao desenho infantil Ferreira (1998) pesquisou temas relacionados à construção, ao sentido e à interpretação do desenho infantil. Para fazer tais análises, buscou suporte teórico nos estudos de Vigotski e interagiu com as crianças, considerando sua linguagem verbal, durante todo o processo de produção e interpretação dos desenhos.

Ferreira (1998, p. 12) afirma:

O desenho da criança não reproduz uma realidade material, mas a realidade conceituada. Ou seja, o desenho da criança exprime o conhecimento conceitual que a criança tem de uma dada realidade. Conhecimento que é constituído socialmente e para o qual concorre memória, que possibilita o registro do que é conhecido e conceituado, e imaginação, que, conforme VIGOTSKI, também está vinculada às experiências acumuladas pelo sujeito.

Silva (2002) também pesquisou sobre o desenho infantil com base nos estudos da teoria de Vigotski. A autora, nos momentos de análise dos desenhos, também considerou os subsídios essenciais do meio social, das pessoas, dos recursos materiais, das experiências concretas oferecidas às crianças.

As duas autoras consideram que, para ter um registro mais fiel e uma interpretação mais fidedigna dele, é imprescindível a atenção à linguagem verbal. Termo que aparece nos estudos de Passeggi como narrativas infantis e também é considerado por Vigotski, quando em seus estudos, ao tratar do desenho, encontramos narrativas das crianças.

Ao adotar essa perspectiva teórica, Ferreira (1998) e Silva (2002) contrapõem-se aos estudos que enfatizam etapas, fases ou estágios do desenho infantil, visto que esses não consideram as experiências, a afetividade, o estilo, a significação e o contexto de produção do desenho.

Ferreira (1998) buscou na perspectiva histórico-cultural respostas para entender qual é a realidade representada nos desenhos, como ela foi constituída e qual é o vínculo da imaginação da criança com o seu conhecimento e com aquilo que é real.

Nessa perspectiva teórica encontramos elementos para a compreensão: da constituição do conhecimento, da constituição da figuração, da constituição da realidade e da constituição da imaginação vinculada ao conhecimento e à realidade da criança. A compreensão dessas constituições fundamenta um outro modo de interpretar o desenho: aquele que considera a criança como um ser social, que interage na complexidade de relações constituidoras de suas funções psicológicas num determinado estágio de desenvolvimento. (FERREIRA, 1998, p. 29)

Silva (2002) considera as relações interpessoais a base para o desenvolvimento, e tais relações devem estar presentes na análise da evolução da atividade gráfica da criança, ou seja, nos desenhos.

As duas autoras, em suas pesquisas, consideram o contexto social e verificaram que, para uma análise mais completa dos desenhos infantis, se faz necessário considerar o que as crianças narram sobre o desenho ou enquanto desenha.

### “Meu livro do tempo”

Nessa atividade de produção do livro do tempo, as crianças registraram um pouco do seu tempo vivido, de seus sonhos e planos e se projetaram no futuro. Foram cinco encontros dedicados ao livro. As crianças desenharam cada página e, ao final, filmei-as narrando sobre o livro, sobre sua vida.

Foram atividades que as crianças realizaram com muita motivação. Narro a seguir as etapas do trabalho.

Enquanto desenhavam as páginas do livro, as crianças falavam sobre o que desenhavam, conversando entre si, comigo e com a professora Vera – a professora da turma. Em um dos encontros, conversaram também com a professora Adair, que estava presente.

Selma: *Hoje vamos fazer a primeira página do livro do tempo: Quando eu era nenê...*

Diego: *É igual à música: quando eu era neném, eu era assim... eu era assim...<sup>2</sup> eu era assim... Eu fiz a maternidade e o pai levou flores para a mãe porque o bebê nasceu.*

Claudia: *Eu adoro desenhar....*

Flávia: *Eu vou fazer eu no carrinho.*

(EA<sup>3</sup>: 02/12/14)

E assim foi construída a primeira página do livro. Seguem alguns desenhos das crianças juntamente com suas narrativas (Figuras 1 a 2).

Figuras 1 a 2: Primeira página do livro.



Entrevista audiogravada.



*Quando eu era nenê minha mãe me levou para fazer um piquenique. (Gustavo)*

*Quando eu era bebê minha mãe cuidava de mim. (Rafaela)*

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Tanto nos desenhos quanto nas falas<sup>4</sup> e narrativas observei a presença da família, principalmente da mãe. A presença do berço e do carrinho nos desenhos demonstra como os adultos carregam os bebês em alguns momentos e também revela que no quarto dos bebês tem berço.

As crianças demonstraram saber representar a pessoa humana. Desenharam a cabeça, os braços, as pernas, os olhos, o nariz...

Na segunda página do livro, “Hoje eu sou assim...”, as crianças desenharam como elas se veem atualmente. Douglas novamente afirmou: “*é igual à música quando eu era criança... criança...criança... eu era assim...*”. Nesse momento, o grupo todo começou a cantar a música, mesmo sem eu falar nada. Observei, então, o quanto a música tinha marcado.

As Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) ressaltam, em dois momentos, a importância do trabalho pedagógico com a música. Afirmam que as propostas pedagógicas devem “favorecer a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” (BRASIL, 2010, p. 25) e promovera interação com as diferentes revelações de música.

Por meio da música é possível proporcionar às crianças diferentes aprendizagens: o ritmo, o vocabulário, a fluência e, no caso desta pesquisa, ela foi disparadora para a discussão dos diferentes tempos da vida: bebê, criança, adulto e idoso.

---

<sup>4</sup> É importante destacar que, no trabalho original, diferenciei fala de narrativa. A fala se refere apenas a uma manifestação oral da criança; na narrativa, há um enredo, uma trama acontecendo.

Durante o desenho da segunda página, além de cantar a música, as crianças iam falando sobre o que estavam desenhando. Nas Figuras 03 a 04, trago alguns desenhos com as narrativas das crianças sobre a segunda página do livro.

Figuras 03 a 04– Desenhos da segunda página do livro



*Olha como eu sou hoje. Eu estava passeando no jardim. (Rafaela)*



*Eu cresci e fui para a escola sempre passeando indo pro parque e pro bosque. (Flávia)*

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Analisando esta página do livro, observei que, além da presença da família, aparece agora a escola. Para esse encontro, levei um conjunto novo de lápis de cor com 24 cores. As crianças ficaram encantadas, e tal encantamento ficou registrado nos desenhos. Muitas desenharam aves e uma delas, como mostra a Figura 03 (desenho de Rafaela), copiou o desenho da caixa de lápis de cor (o pássaro). Ficou um bom tempo com a caixa ao seu lado e não deixava nenhuma criança pegá-la, afirmando: “*Espera eu copiar o desenho*”.

Eu constatava que, ao tratar do tempo vivido, as crianças demonstravam fortes relações com as famílias e com a escola.

Nas duas próximas páginas do livro, as crianças se projetaram para o futuro, desenhando e descrevendo sobre “Quando eu crescer quero ser assim” e “Quando eu ficar velhinho/a quero ser assim...”.

No decorrer da atividade, as crianças assim falaram:

Lucas: *Tem que fazer o telhado da casa, senão chove dentro dela.*<sup>5</sup> *Olha eu adulto com minha mãe. Selma, olha o cabelo da minha mãe.*  
Lucas: *Olha o tamanho do meu bolo... Estou fazendo 26 anos.*  
Flávia: *Eu estou de bengala.*

<sup>5</sup> Neste dia estava chovendo, e no momento de pintar o calendário falamos muito sobre a chuva.

Carlos: *Eu fiz um cachorro e eu veterinário.*

Douglas: *Selma, me olha bem velhinho e eu estou indo tirar dinheiro na máquina de tirar dinheiro.*

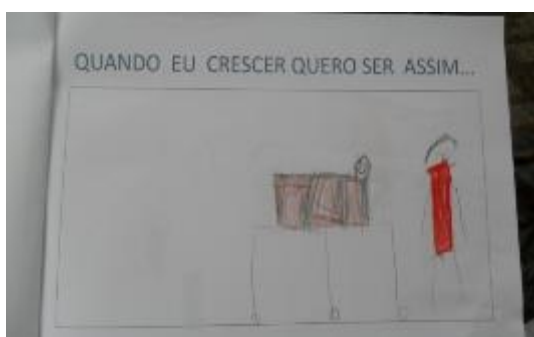
Rafaela: *Desenhei eu saindo da cama, arrumando a cama e saindo para trabalhar.*

Hugo: *Fiz eu com roupa de piloto.*

(EA, 09/12/14)

As crianças trazem, nos seus desenhos, o cotidiano delas, o que elas veem os adultos e os idosos fazendo. O tempo do futuro está intimamente ligado ao tempo vivido pelas crianças agora, às pessoas que convivem com elas. Nas Figuras 05 a 08 vemos como as crianças desenharam e como narraram e descreveram essas duas fases da vida.

Figuras 05 a 08 – Desenhos das páginas “Quando eu crescer quero ser assim...” e “Quando eu ficar velhinho/a quero ser assim”, de *Meu livro do tempo*



*Quando eu crescer quero ser veterinário e cuidar um montão de animais. (Carlos)*



*Eu cresci um pouquinho mais e queria ser veterinária para cuidar dos bichos melhor. (Flávia)*



*Quando eu era velhinha, um bosque eu fui visitar. E fim!(Rafaela)*



*Quando eu era velhinho e fui morto e minha mãe ficou chorando. Fim.(Gustavo)*

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

As crianças conseguem projetar-se para o futuro com muita tranquilidade. Ao fazer, nos mostram e nos contam um pouco de como está sendo a sua história, os fatos que vivenciam e o que já aprenderam. Ao projetarem-se, as crianças tomam como referência suas relações do cotidiano, o que veem os adultos e os idosos fazerem e falarem.

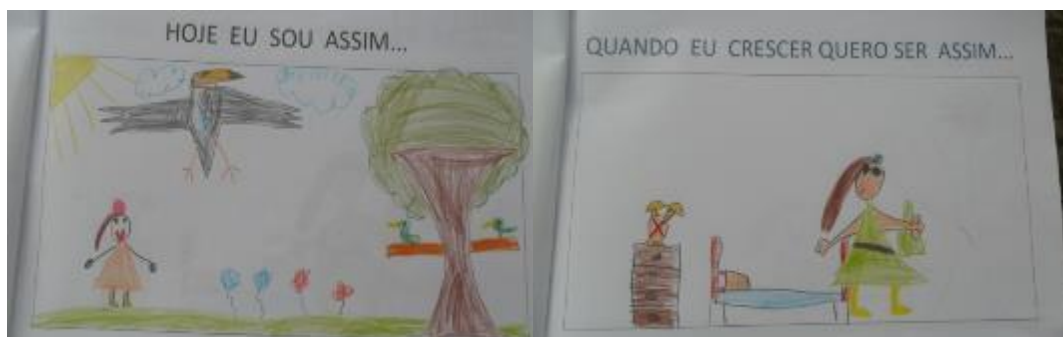
Abaixo, apresento um livro completo com a narrativa da criança.

Figuras 09 a 13 – Desenhos do livro da Rafaela.



*Oi, meu nome é Rafaela, e esse é meu livro do tempo.*

*Quando eu era bebê minha mãe cuidava de mim.*



*Como eu sou hoje... eu estava passeando no jardim.*

*Quando eu fiquei adulta... saí para trabalhar.*



*Quando eu era velhinha um bosque eu fui visitar. E Fim!*

Fonte: Arquivo da pesquisadora – data da videogravação: 11/12/14

Rafaela, no meu entender, fez uma narrativa de sua vida, falando sobre o passado, o presente e o futuro, usando os tempos verbais corretamente para o passado e presente; o futuro ela indica como um tempo passado. Constata-se a presença da conjunção temporal “quando”.

Ficou evidente que, nos livros em que existe uma narrativa, há uma regularidade no uso dos tempos verbais para o passado (“era”, “tinha nascido”, “cuidava”, “colocavam”, “levou”, etc.) e o presente (“sou”, “é”).

Somente duas crianças conseguiram expressar o tempo verbal no futuro: “Quando eu crescer vou ser um jogador de bola. Quando eu for velhinho eu vou no banco tirar dinheiro.” (Douglas, EA11/12/14); e “Quando eu crescer quero ser veterinário e cuidar de um montão de animais” (Carlos, EA, 11/12/14).

Durante toda a atividade, deixamos as crianças falarem livremente, pois “a fala e o desenho se organizam mutuamente” (SILVA, 2002, p. 123). As crianças demonstravam satisfação em ir falando enquanto desenhavam. Ressalto que não eram falas esporádicas, mas versavam sobre as fases da vida que estavam sendo desenhadas.

A atividade de confecção do livro, mesmo sendo realizada em cinco encontros, motivou as crianças a participarem. Todas se envolviam com a proposta, a cada página iam contando sobre sua vida enquanto desenhavam, como já mencionamos. As crianças falaram e cantaram durante a produção de todos os desenhos.

Observei o quanto descreveram, narraram e desenharam sobre as marcas do seu tempo vivido. Ao desenhar, as crianças iam falando suas intenções representativas, que não

necessariamente seriam as mesmas ao final do livro. Dependendo do contexto no qual as crianças falam do seu desenho, ele muda de representação.

Foram atividades registradas dentro de um tempo físico, marcado pelo relógio, entre uma hora e uma hora e meia em cada encontro, porém traziam o tempo vivido e o projeto de um tempo futuro. Por se tratar de temas da vida das crianças, as atividades ganharam “vida” ao serem realizadas. Então, mesmo a escola tendo tão presente o tempo do relógio, é possível considerar e valorizar o tempo vivido dentro de cada proposta apresentada.

Outro ponto a registrar é que a cultura, o contexto e as vivências foram referências para a construção do desenho e para as falas da criança sobre seu livro.

### **Considerações finais**

Procurei neste texto apresentar o quanto o conceito de tempo está presente nas narrativas das crianças; a relevância de um trabalho pedagógico que tenha a escuta atenta às narrativas das crianças e o quanto, por meio dos desenhos e das narrativas das crianças sobre o desenho, podemos fazer análise sobre o conhecimento que elas já têm sobre o tema tratado.

Para Passeggi (2014), a palavra da criança é uma fonte digna de interesse para a pesquisa em educação. Ao dar atenção às narrativas das crianças podemos constatar o que elas têm de conhecimento sobre o tema tratado.

Os recortes narrativos sobre os desenhos nos permitem aproximar das significações que as crianças atribuem às suas vivências, no caso, sobre o tempo. De modo muito particular, as crianças nos mostram os significados do tempo vivido que já passou e que está vivendo, no caso “quando eu era bebê” e “hoje eu sou assim...” e, também, fazem projeções para o futuro

Com isso, é possível afirmar que a criança, ao narrar o que desenhou, mostra-nos qual conhecimento já possui sobre o tempo e como este conceito faz parte do seu cotidiano. Se a análise fosse realizada apenas sobre o desenho, sem ouvi-la, com certeza não seria possível apreender com tanta clareza o seu conhecimento. Daí a importância da oralidade na Educação Infantil e do papel do professor como escriba para registrar as vozes das crianças.

Trabalhar com a narrativa das crianças nos permite um novo olhar para as crianças e para a escola. Para as crianças, porque constatamos em suas narrativas muito de cultura infantil, de conhecimento e de expectativas em relação ao conteúdo ou conceito trabalhado pelo professor e, para a escola, porque as crianças sabem muito mais do que nós adultos achamos que elas sabem e quando nos aproximamos desta criança, por meio da escuta das suas narrativas, percebemos onde precisamos atuar para promover o seu desenvolvimento.

### **Referências**

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Tempo, tempo vivido e história**. Bauru, SP: Edusc, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CORSARO, Willian. Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: MULLER, F. (Org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com W. Corsario**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 83-103.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

FERREIRA, Sueli. **Imaginação e linguagem no desenho da criança**. 3ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. A pesquisa de abordagem histórico-cultural: um espaço educativo de constituição de sujeitos. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, 2009.

Disponível em:

<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/381/362>.

Acesso em: 26 set. 2015

FRIEDRICH, Janette. **Lev Vigotski**: mediação, aprendizagem e desenvolvimento: uma leitura filosófica e epistemológica. Tradução de Anna Rachel Machado e Eliane Gouvea Lousada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

FURLANETTO, Ecleide Cunico. Contribuições das crianças para (re) pensar as escolas de infância. In: MIGNOT, A. C.; SAMPAIO, C. S.; PASSEGGI, M. C. (Org.). **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. Curitiba: CRV, 2014. p. 161-171.

GÓES, Maria Cecília Rafael de; CRUZ, Maria Nazaré da. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de LevVigotski. **Pro-Posições**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 31-45, maio/ago.2006.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; SANTOS, Maria Leticia Ribeiro; BASÍLIO, Dorli Ribeiro. **Narrativas infantis**: um estudo de caso em uma instituição de Educação infantil. Educação, São Paulo, v. 33, nº 03, p. 427-444, set./dez. 2007.

NUNES, Cristiane Oliveira Alves Telles; CANEGUIM, Janaína de Fátima Castro. **O estudo da linguagem: considerações sobre as propostas de Bruner e Skinner**. Revista de Psicologia. nº I. Jan/Jun, 2013, p. 01-05. PASSEGGI, Maria da Conceição. Nada para a criança, sem a criança: o reconhecimento de sua palavra para a pesquisa (auto)biográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina; SAMPAIO, Carmem Sanches; PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Infância, aprendizagem e exercício da escrita**. Curitiba: CRV.2014.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky uma perspectiva histórico-cultural da Educação**. 24.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**. 2002. Disponível em: [http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf](http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf). Acesso em: 20 abr. 2015.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Estudos da criança como campo interdisciplinar de investigação e conhecimento. **Interações**, Portugal, n. 10, p.1-5, 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/366-924-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/366-924-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 20 abr. 2015.



SILVA, Silvia Maria Cintra. **A construção social do desenho da criança.** Campinas, SP:  
Mercado de Letras, 2002.